



A NATAÇÃO COMO UM MEIO INTEGRADOR DOS CONTEÚDOS ESCOLARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Daniela dos Santos da Conceição¹

RESUMO

Considerando a crescente inclusão da natação na grade curricular das escolas de educação infantil, o presente estudo objetiva analisar as possibilidades de integração entre os conteúdos da natação e os demais conteúdos da pré-escola, tais como linguagem, matemática, ciências naturais e sociais. Para a coleta de dados, observou-se aulas de uma escola particular de educação infantil da cidade de Santo André, onde, através de relatórios de observação, coletou-se diversas frases que os alunos verbalizaram em decorrência das atividades aplicadas nas aulas de natação. Essas frases foram analisadas em cada área de conhecimento e, como resultado, foi possível verificar que, a partir das vivências no meio aquático, os alunos manifestaram diversos conhecimentos como noções de cor, peso, quantidade, temperatura, resistência, profundidade, letras, números, contagens, respeito, saúde, higiene, entre outros. Concluímos, dessa forma, que é possível o professor de natação preparar atividades e selecionar materiais que possibilitem essas integrações, favorecendo aos alunos ricas experiências no meio aquático.

Palavras-chave: Natação; Educação infantil; Conteúdos escolares; Interdisciplinaridade

THE SWIMMING AS A HALF INTEGRATOR OF THE PERTAINING TO SCHOOL CONTENTS IN THE INFANTILE EDUCATION

ABSTRACT

Considering the increasing inclusion of swimming in the curricular grating of schools of Infantile Education, the present objective study to analyze the integration possibilities it enters the contents of swimming and the too much contents of the daily pay-school, such as language, mathematics, natural and social sciences. For the collection of data one observed lessons of a particular school of Infantile Education of the city of Saint Andres, where through comment reports if it collected diverse phrases that the pupils had spoken in result of the activities applied in the swimming lessons. These phrases had been analyzed in each area of knowledge and as resulted it was possible to verify that from the experiences in the aquatic way the pupils had revealed diverse knowledge as slight knowledge of color, weight, amount, temperature, resistance, depth, letters, numbers, countings, respect, health, hygiene, among others. We conclude, of this form, that is possible the swimming professor to prepare activities and to select materials that make possible these integrations, favoring to the rich pupils experiences in the aquatic way.

Keywords: Swimming; Infantile education; Pertaining to school contents; Interdisciplinary

¹ Graduação em Educação Física pela FEFISA, Santo André/SP. E-mail: danisancon@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

A prática da natação vem acompanhando o homem na história de tal forma que alguns autores chegaram até mesmo a confundir sua origem com a origem da humanidade. Seja com função utilitária ou como prática prazerosa, a partir de situações fortuitas ou metodologicamente sistematizadas, o homem de alguma forma sempre esteve em contato com o meio líquido.

Já em relação ao ambiente escolar, pode-se dizer que a natação vem sendo constantemente utilizada com diversos fins: como opção de atividade extracurricular, como marketing ou diferencial para a escola, como prática esportiva voltada a si mesmo (visando fins competitivos) e, mais recentemente, como prática educativa, atrelada à grade curricular escolar, objetivando o desenvolvimento do aluno como um todo.

A natação, como parte integrante do currículo escolar e com fins totalmente educativos, é o objeto de estudo da presente pesquisa, que se propõe a analisar as possibilidades de integração entre os conteúdos da natação e os demais conteúdos da pré-escola, tais como linguagem, matemática, ciências naturais e sociais, na faixa etária dos três aos cinco anos, na educação infantil.

Não se espera com esse estudo mostrar a natação com um caráter funcionalista e utilitário, ou seja, devedora de trabalhar conteúdos de outras áreas em detrimento de suas próprias práticas; pelo contrário, espera-se mostrar uma natação capaz de se utilizar de toda a sua gama riquíssima de ferramentas, movimentos e sensações, a fim de ajudar o aluno a se desenvolver em todos os âmbitos: motor, cognitivo e socioafetivo.

Alguns estudos nesse aspecto já são conhecidos. Autores vêm mostrando que a natação, como agente educativo e sendo aplicada a crianças em idade pré-escolar, assume um papel formativo e totalizador, levando as crianças que participam de um programa de adaptação ao meio líquido a se desenvolverem melhor e mais rapidamente, o que fará do posterior processo de alfabetização algo simples e bem-sucedido.

A partir dessas considerações, o ponto de partida se dá no levantamento bibliográfico das informações teóricas relevantes ao estudo, para posteriormente se discutir os resultados obtidos através da observação das aulas de natação da escola determinada para a pesquisa de campo.

2 A PRÁTICA DA NATAÇÃO RELACIONADA AO CRESCIMENTO E AO DESENVOLVIMENTO NOS ANOS PRÉ-ESCOLARES

Inúmeros são os benefícios que a prática da natação traz a seus executantes. Diversos autores vêm mostrando a natação como uma das atividades físicas mais completas, que pode ser praticada por todas as pessoas, sem distinção de sexo e/ou idade.

Em relação ao crescimento e ao desenvolvimento da criança durante o período pré-escolar, também é possível mostrar os diversos ganhos que a prática da natação pode trazer.

Os termos crescimento e desenvolvimento, segundo Gallahue e Ozmun (2005), são frequentemente usados em permuta, mas cada um implica diferença na ênfase.



Segundo os autores, o crescimento físico refere-se ao aumento da estatura do corpo na maturação causado pela multiplicação ou aumento das células, enquanto que o desenvolvimento refere-se a alterações no nível de funcionamento de um indivíduo ao longo do tempo, ou seja, o desenvolvimento é um processo contínuo que se inicia na concepção e só cessa com a morte.

Os anos pré-escolares, que se iniciam com a aquisição da linguagem e da locomoção e terminam com o ingresso da criança no ensino fundamental, é o período ideal para que a criança se desenvolva em seus diversos aspectos. É nessa fase que a criança começa a desenvolver o esquema corporal, a lateralidade, a coordenação, a estruturação espacial e temporal, o desenvolvimento cognitivo e da linguagem, entre outras aquisições.

Autores como Le Boulch (1987), Mora e Palacios (1995) e Gallahue e Ozmun (2005) mostram que as crianças em idade pré-escolar estão na fase motora fundamental, um período no qual estão ativamente envolvidas na exploração e na experimentação das capacidades motoras de seus corpos. Segundo esses autores, é nessa fase que a criança começa a se conscientizar de suas características corporais (esquema corporal), a organizar cerebralmente o melhor lado para desenvolver as atividades (lateralização), a automatizar sequências de movimentos complexos (coordenação), a localizar seu corpo em função de parâmetros como cima-baixo, frente-trás, perto-longe, dentro-fora, grande-pequeno, estreito-largo, direita-esquerda, curto-longo (noções espaciais e temporais), entre outras coisas.

Já em relação aos processos cognitivos básicos, autores como Rodrigo (1995) e Martí (1995) acreditam que as crianças em idade pré-escolar se encontram em um período denominado por Piaget² como “Pré-Operatório”, período em que a criança representa uma inovação radical na inteligência, que, de prática (baseada na organização de esquemas de ação realmente executados), torna-se representativa (onde a criança manipula a realidade não mais diretamente, mas através de diferentes sucedâneos como signos, símbolos, imagens, conceitos, entre outros). “Ao possuir um meio de experiências enriquecido, a criança não só articula melhor seu conhecimento, como ainda melhora a eficácia de seu funcionamento cognitivo (compreende, memoriza, raciocina e planeja melhor seu comportamento)”. (RODRIGO, 1995, p. 127).

Levando-se em conta o desenvolvimento da linguagem, Luque e Vila (1995) mostram que a primeira linguagem da criança é indissociável do contexto e da atividade imediatos. É uma linguagem funcionalmente ligada à ação e, portanto, seu valor comunicativo e sua compreensibilidade dependem dela. À medida que a criança adquire a capacidade de transcender os limites da situação de enunciação e refere-se a objetos, ações ou relações não presentes, sua linguagem vai se tornando independente dos limites da situação imediata. Oliveira (1992) mostra que Vygotsky (1989)³ denomina como “internalização da linguagem” a fase em que a criança passa a utilizar a linguagem como instrumento de pensamento.

Quanto às características do desenvolvimento afetivo, social e moral nos anos pré-escolares, os autores Gonzalez e Padilla (1995) e Almeida e Mahoney (2003) mostram que o período que compreende dos três aos seis anos de idade é denominado, de acordo com Walon (1984)⁴, *estágio do personalismo*. No *estágio do personalismo*, a criança engloba a exploração de si mesmo como um ser diferente de outros seres e constrói a própria subjetividade por meio de atividades de

² PIAGET, Jean. *La psychologie de l'intelligence*. Paris: Colin, 1947.

³ VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

⁴ WALON, Henri. *L'enfant turbulent*. 2ª Edição. Paris: Quadrige, 1984.



oposição (expulsão do outro) e, ao mesmo tempo, de sedução (assimilação do outro) e de imitação; inicia-se, assim, o processo de discriminação entre o eu e o outro, tarefa central do *personalismo*. Quanto à questão da moralidade, mostram que, segundo a denominação de Piaget⁵, a característica mais geral da moralidade das crianças pré-escolares é a *heteronomia moral*, onde a criança avalia atos não em função da intenção que os originou, mas em função de sua conformidade material com as regras estabelecidas, ou seja, se a regra foi seguida, a ação é considerada correta; caso contrário, incorreta.

Também Gallahue e Ozmun (2005) acreditam que, nessa fase, as crianças apresentam comportamento egocêntrico (como resultado, parecem ser briguentas e relutantes ao compartilharem objetos e sentimentos e em se socializarem com outras crianças), e freqüentemente têm medo de situações novas porque são tímidas, autoconscientes e não desejam deixar a segurança do que lhes é familiar.

A partir dessas afirmações, é possível mostrar que a prática da natação no período dos anos pré-escolares pode contribuir no crescimento e no desenvolvimento da criança nos âmbitos motor, cognitivo e socioafetivo, uma vez que favorece o conhecimento e o domínio progressivo do corpo (facilitando a conscientização do esquema corporal), as melhorias na aquisição da lateralidade, coordenação e percepção espacial e temporal a partir da riqueza de movimentos e sensações combinados, inúmeros benefícios relacionados à saúde, integração e sociabilização entre os praticantes, aquisição do sentimento de confiança, comunicação entre professor e aluno, entre outras coisas.

Autores como Machado (1978) e Catteau e Garrof (1990) mostram que a natação é uma atividade que, por oferecer ambiente diferente para locomoção e ambientação, traz desafios e algumas dificuldades iniciais. Segundo esses autores, outro aspecto que se pode abordar quanto ao ato de nadar diz respeito aos benefícios físicos que a atividade na água traz ao indivíduo que a pratica, uma vez que, dentro da água, o praticante experimenta situações de movimentos que em terra seriam difíceis de se conseguir, facilitando, dessa maneira, a locomoção e conseqüentemente o nadar.

Para Ramaldes (1997), a natação é a atividade mais completa que existe, por trabalhar a harmonia, a flexibilidade, a potência, o ritmo e a coordenação, sendo que, se praticada regularmente, permite desenvolver todos os mecanismos fisiológicos como a capacidade pulmonar e cardiovascular, permitindo também novas possibilidades de coordenação e equilíbrio.

Também Damasceno (1992), ao citar Navarro (1978)⁶, admite a natação como sendo um esporte ideal por excelência, não só pelo fato de poder ser praticado por qualquer pessoa, sem distinção de idade e/ou sexo, mas também por seu valor formativo e totalizador; uma vez que sua prática regular e continuada desenvolve, simultaneamente, com maior ou menor intensidade, todas as partes do corpo, atuando em sua totalidade e junto à mente, para um desenvolvimento saudável e eficaz.

Segundo Araújo Júnior (1993), dependendo da maneira como for praticada, a natação pode vir a ser, entre tantas, uma atividade de integração das pessoas que a praticam, muito mais voltada ao aspecto sociabilizante, usada com prazer, onde e quando o ser se descobre e aprimora a sua personalidade. Já Lewin (1978) não só

⁵ PIAGET, J. *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Alcan, 1932.

⁶ NAVARRO, Fernando. *Pedagogia de la natacion*. Valladolid: Miñon, 1978.



conceitua, mas também caracteriza a natação como sendo um desporto que constitui uma fonte de recreação, de alegria de viver e de saúde para pessoas de todas as faixas etárias.

3 A NATAÇÃO APLICADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde as sociedades primitivas até a atualidade, a educação das crianças, seja por parte da família, seja por parte da escola ou de outros órgãos institucionais, é vista como parte integrante do processo de sua formação.

Segundo Gallardo e Moraes (2003), até o século XVII a educação infantil acontecia no âmbito familiar e a criança era vista como um “adulto em miniatura”. Porém, no século XVIII, devido ao processo de urbanização e de industrialização da Europa, as mulheres também começaram a ser convocadas para trabalharem nas fábricas, surgindo, assim, a necessidade de locais seguros para “guardar” as crianças durante o período em que estivessem trabalhando. Nesse cenário é que surgiram as primeiras pré-escolas, cujo caráter era essencialmente assistencialista e cuja função era apenas a de serem “guardiãs” dessas crianças. Já a partir do século XX, após a 2ª Guerra Mundial, de acordo com os autores, a pré-escola passou a incorporar uma nova função: de assistencialista passou a ser vista como compensatória, ou seja, capaz de suprir as carências e deficiências culturais, linguísticas, nutricionais, de higiene e afetivas das crianças provenientes das classes populares.

No Brasil não foi diferente. De acordo com Kramer (2000), durante muito tempo o atendimento às crianças de zero a seis anos foi caracterizado essencialmente pelo atendimento médico e pelo assistencialismo.

Durante muitos anos, a educação infantil no Brasil foi tida como um favor, uma doação; apenas a partir da Constituição de 1988 passou a ser vista como um dever do Estado e um direito da criança.

De acordo com o documento de Política Nacional de Educação Infantil (2006), a partir de 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional, evidenciou-se ainda mais a importância da educação infantil, que pela primeira vez no Brasil passou a ser considerada como primeira etapa da Educação Básica. Dessa forma, admite-se que o trabalho pedagógico com a criança de zero a seis anos adquiriu reconhecimento e ganhou uma dimensão mais ampla no sistema educacional.

A partir da promulgação da LDB, vem verificando-se um maior interesse em aumentar a qualidade do ensino na educação infantil; tanto que, em 1998, foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Segundo o Brasil (1998, v. 1), o RCNEI é um documento que se constitui de um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras.

Já quanto à natação, segundo Damasceno (1992), nada se sabe sobre quando, onde e como o primeiro ser humano descobriu a natação, levando alguns autores até mesmo a confundirem sua origem com a da própria humanidade.

“Tudo indica que as origens da natação se confundem com as origens da humanidade. Raramente por temeridade, mais frequentemente por necessidade, às vezes por prazer, o homem entrou em contato com o elemento líquido, hostil ou aliado segundo as circunstâncias.” (CATTEAU; GARROF, 1990, p. 21).



De acordo com Andries Junior, Pereira e Wassal (2002), uma vez sendo a superfície terrestre coberta por cerca de três quartos de água, o homem em algum momento foi obrigado a se relacionar com o meio líquido de alguma maneira, e a sobrevivência talvez tenha sido a primeira forma de utilização da água, servindo como alimento, refúgio ou até mesmo divertimento; com esse relacionamento, o homem foi criando formas de locomoção na água que facilitaram suas necessidades básicas, dando início a uma relação que vai além do caráter de sobrevivência (interação).

Segundo a Federação Internacional de Natação Amadora, nadar representa a ação de autopropulsão e autossustentação na água que o homem aprendeu por instinto ou observando animais, e é um dos exercícios físicos mais completos. (ARAÚJO JÚNIOR, 1993).

Quanto ao saber nadar, praticar natação e aprender a nadar, Catteau e Garrof (1990) propõem três noções fundamentais: saber nadar é ter de forma resolvida qualitativamente e quantitativamente, em qualquer eventualidade, o triplo problema que se coloca, ou seja, melhor equilíbrio, melhor respiração e melhor propulsão no elemento líquido; já praticar natação é ter o gosto e a possibilidade (em alguns casos, a obrigação) de expressar-se no elemento líquido, dentro de certa periodicidade, tomando consciência das próprias limitações e capacidade de progresso; e, por fim, aprender a nadar é se colocar ou ser colocado de forma individual ou coletivamente no elemento líquido, em uma sequência de situações que podem ser fortuitas ou anárquicas e organizadas sistematicamente pelo professor a partir de uma formalização da técnica.

Em relação à natação aplicada no ambiente escolar, mais especificamente na educação infantil, é possível mostrar o que alguns autores definem a respeito.

Segundo Pereira (2001), além do enfoque da aprendizagem de movimentos na água, o esporte de rendimento natação também pode fazer parte de um planejamento para a escola. De acordo com o autor, as atividades físicas aquáticas corretamente desenvolvidas na escola são atividades capazes de propiciar aos alunos maior domínio motor, reconhecimento de suas capacidades ou limitações motoras, consciência corporal e outros domínios da motricidade humana, podendo também propiciar um melhor entendimento dos relacionamentos humanos, sejam eles psicológicos, sociais, emocionais, políticos ou biológicos, que, através de uma boa metodologia, podem ser transmitidos ou vivenciados individualmente ou em grupo por profissionais competentes e sabedores de suas responsabilidades para com o futuro de seus educandos.

Na pré-escola, o foco da natação é a adaptação ao meio líquido, à ambientação ao novo espaço escolhido e à socialização do grupo de alunos.

De acordo com Santos (1996)⁷, citado por Lopes (2004), a natação infantil é uma proposta para o ensino da natação para crianças, onde o aprendizado (interiorização das técnicas) dos movimentos do nado culturalmente desenvolvidos inicia-se a partir da consciência ou então da tomada de consciência e percepção dos movimentos de conduta, tendo como motor principal o conhecimento, o lúdico e a presença (consciência) no ato que se realiza.

Já para Turchiari (1996), a natação na pré-escola é um conjunto de atitudes, técnicas e práticas aplicadas a crianças na faixa etária dos três aos seis anos, para iniciar o desenvolvimento de uma ou várias atitudes, sendo que a adaptação é um

⁷ SANTOS. C. A. *Natação – ensino e aprendizagem*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.



dos pontos mais importantes a serem desenvolvidos, a fim de que nessa fase realizem-se todas as possibilidades e características voltadas para a ambientação ao meio para adquirir habilidades complementares e básicas indispensáveis para o desenvolvimento global em natação.

Para o autor, as situações da devida adequação acompanham o desenvolvimento da criança também na natação, permitindo a ela vivenciar noções de intensidades diferentes, velocidades irregulares, domínio corporal no meio ambiente diferente (água), além de desenvolver uma maior sensibilidade em suas percepções relacionadas com espaço, tempo e objetivos a que está sendo submetida.

Quanto às questões relativas aos aspectos físicos e condições propícias para o desenvolvimento das aulas de natação na educação infantil, Turchiari (1996) mostra que é muito importante tornar o ambiente da piscina “uma extensão do mundo infantil”, com paisagens e personagens compatíveis com a faixa etária em questão, além de utilizar diversos brinquedos como material pedagógico para descontrair as crianças, pois facilita o desenrolar das atividades, principalmente na fase inicial de adaptação. O autor também acredita que o professor atuante de natação deve considerar a individualidade como princípio básico, onde idade, sexo e maturação atuam em conjunto com psicomotricidade, determinando todo o trabalho de adaptação, aprendizagem e demais consequências das atividades propostas.

Pereira (2001) mostra que, ao levar essas considerações para o ambiente aquático na escola, percebe-se que a criança participante das atividades físicas aquáticas mostra-se mais alegre, segura, sadia e com melhor conscientização corporal, além de ocorrerem transformações possíveis de serem observadas no sentido da formação do ser integral, cuja fragmentação é amenizada.

4 PLANEJAMENTO INTEGRADO: OS CONTEÚDOS DA NATAÇÃO E OS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Considerando que na dimensão escolar o currículo é a soma de experiências vividas pelos alunos, é possível identificar que essas experiências precisam ser planejadas.

Os componentes básicos do planejamento de ensino são os objetivos, os conteúdos, os procedimentos e a avaliação.

Quanto aos conteúdos, de acordo com Zabala (1999), a escola – cujo objetivo é a formação integral dos alunos – tem a necessidade de abarcar todas as capacidades do indivíduo; entretanto, para alcançar tais fins, é necessário trabalhar a aprendizagem de uma série de conteúdos de diferentes características. Para o autor, esse conjunto de aprendizagens que responde à pergunta “o que se deve ensinar?” denomina-se *conteúdos de aprendizagem* (essa terminologia vem sendo utilizada atualmente e inclui tudo o que é objeto de aprendizagem em uma proposta educacional).

Entretanto, ao longo desse século e de acordo com Zabala (1998), é possível encontrar propostas e experiências que rompem com a organização dos conteúdos centrados exclusivamente nas disciplinas escolares, sendo que essas novas formas de organização buscam estabelecer relações entre os conteúdos de diversas maneiras, de tal modo que os alunos passem a compreender a realidade, que sempre se manifesta globalmente.



Uma dessas novas formas de organização de conteúdos é a interdisciplinaridade. Segundo Santomé (1998), a interdisciplinaridade implica em uma vontade e em um compromisso de elaborar um contexto mais geral, no qual cada uma das disciplinas em contato são, por sua vez, modificadas e passam a depender umas das outras, estabelecendo-se interação entre elas, o que resulta em intercomunicação e enriquecimento recíprocos.

Uma vez que o presente estudo tem por intuito verificar as possibilidades de integração entre os conteúdos da natação e outros conteúdos escolares da pré-escola, tais como linguagem, matemática e ciências naturais e sociais, é de grande importância explanar sobre cada uma dessas áreas de conhecimento.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, v. 3) e autores como Kramer (2000), os conteúdos básicos a serem desenvolvidos na área de linguagem são: uso da linguagem oral para conversar, brincar, comunicar e expressar desejos, necessidades, opiniões, ideias, preferências e sentimentos e relatar suas vivências nas diversas situações de interação presentes no cotidiano; elaboração de perguntas e respostas de acordo com os diversos contextos de que participa; participação em situações que envolvam a necessidade de explicar e argumentar suas ideias e pontos de vista; conhecimento e reprodução oral de jogos verbais, como trava-línguas, parlendas, adivinhas, quadrinhas, poemas e canções; diferenciação de letras, entre outros.

Na área da matemática, alguns conteúdos: números e sistemas de numeração (utilização da contagem oral nas brincadeiras e em situações nas quais as crianças reconheçam sua necessidade; comunicação de quantidades, utilizando a linguagem oral, a notação numérica e/ou registros não convencionais; identificação de números nos diferentes contextos em que se encontram; etc.); grandezas e medidas (exploração de diferentes procedimentos para comparar grandezas; introdução às noções de medida de comprimento, peso, volume e tempo, pela utilização de unidades convencionais e não convencionais; marcação do tempo; etc.); espaço e forma (explicitação e/ou representação da posição de pessoas e objetos, utilizando vocabulário pertinente nos jogos e nas brincadeiras; exploração e identificação de propriedades geométricas de objetos e figuras; etc.).

Já na área das ciências naturais e sociais, propõem-se como conteúdos: participação em atividades que envolvam histórias, brincadeiras, jogos e canções que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outros grupos; exploração de diferentes objetos, de suas propriedades e de relações simples de causa e efeito; contato com pequenos animais e plantas; conhecimento do próprio corpo por meio do uso e da exploração de suas habilidades físicas, motoras e perceptivas; entre outras coisas.

Quanto à natação, é possível mostrar que no período pré-escolar as atividades aquáticas não visam o aperfeiçoamento nem o rendimento, mas a aprendizagem através da prática e da experimentação.

Segundo Machado (1978), os objetivos a serem alcançados são adaptação ao meio líquido, flutuação, respiração, propulsão e mergulho elementar.

Também para Andries Junior, Pereira e Wassal (2002), por ser um processo pedagógico, a fase de iniciação ao nadar deve ser dividida nas seguintes fases: primeiros contatos com a água, respiração, flutuação, propulsão e entrada na água, sendo que o objetivo deve ser encarar a natação como um processo lúdico, rompendo com conceitos formais e mecanicistas e tornando o processo de aprendizagem mais alegre e prazeroso.



Quanto aos conteúdos, autores como Machado (1978), Wilke (1982), Turchiari (1996) e Ramaldes (1997) propõem para atingir o objetivo da adaptação ao meio líquido: batimento de pernas, atividades de entrar e sair na piscina, atividades de andar ou correr livremente pela piscina, atividades de deslocar-se empurrando ou soprando diversos materiais, entre outras. Para o alcance do objetivo da flutuação, propõem atividades de flutuação em forma de “tartaruga”, flutuação em decúbito ventral, flutuação em decúbito dorsal, entre outras. Já para a prática da respiração, os autores propõem exercícios de imersão completa, de respiração frontal, lateral e bilateral, entre outros. Para a propulsão, propõem atividades para noção de propulsão (de pernas e de braços). E, por fim, para o alcance do objetivo mergulho elementar, os autores propõem que os conteúdos visem entrada na água por meio de saltos em pé sem ou com impulso, mergulho de cabeça partindo da posição sentada, mergulho de cabeça partindo da posição ajoelhada, mergulho partindo da posição ajoelhada sobre uma perna, mergulho partindo da posição de pé, sem auxílio, mergulho de cabeça com impulsão, entre outros.

É importante ressaltar que, quanto aos procedimentos, tanto Machado (1978) quanto Wilke (1982) e Andries Junior, Pereira e Wassal (2002) mostram que a aprendizagem deve se dar por meio de brincadeiras.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Quanto às suas finalidades, essa pesquisa é definida como pesquisa exploratória, cujo delineamento é o estudo de campo.

Segundo Gil (2007), as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de determinado fato, sendo que esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Dessa forma, muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla.

Em relação ao estudo de campo, Gil (2007) mostra que esses estudos procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta maior flexibilidade, sendo que tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.

De acordo com o tratamento de dados, a pesquisa é identificada como qualitativa. Quanto à abordagem qualitativa, Richardson (1999, p. 79) considera que “O método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema, ou seja, não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas”. Para o autor, a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se sobretudo por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.

A coleta de dados foi realizada no segundo semestre do ano de 2008, em uma escola particular de educação infantil, na região central da cidade de Santo André, no Estado de São Paulo.

Já a amostra foi composta por quarenta e seis alunos de ambos os sexos, dentro da faixa etária de três a cinco anos (níveis Infantil 3, Infantil 4 e Infantil 5). A amostra foi selecionada por critérios de acessibilidade ou de conveniência; segundo



Gil (2007), constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem, pois é destituída de qualquer rigor estatístico. Ainda conforme Gil (2007), o pesquisador é quem seleciona os elementos a quem tem acesso, admitindo que esses possam de alguma forma representar o Universo; esse tipo de amostragem é comumente aplicado em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.

Os dados foram coletados durante as aulas de natação da referida escola, no período vespertino. Ao todo foram observadas seis aulas (duas aulas de cada nível: Infantil 3, Infantil 4 e Infantil 5). O método empregado para a coleta de dados foi a observação simples, que, de acordo com Gil (2007), é aquela em que o pesquisador observa de maneira espontânea os fatos que ocorrem em determinada comunidade. Porém, ainda segundo Gil (2007), embora a observação simples possa ser caracterizada como espontânea, coloca-se em um plano científico pois vai além da simples constatação dos fatos, uma vez que exige um mínimo de controle na obtenção de dados e passa por um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos.

As aulas observadas foram divididas em dois momentos: no primeiro momento, o professor aplicava os conteúdos relativos à natação de acordo com seu planejamento (locomoção, flutuação, saltos, imersão, entre outros conteúdos); já no segundo momento, o professor destinava uma parte da aula às brincadeiras, deixando que os alunos interagissem livremente com os materiais pedagógicos da piscina (tais como arcos, bolas, tapetes, entre outros materiais).

Para o registro dos dados, utilizou-se um caderno de notas, onde se descreveu, a partir de relatórios de observação, quais foram as respostas verbais dos alunos mediante cada atividade aplicada nas aulas de natação.

5.1 Apresentação e interpretação dos resultados

Os dados coletados, ou seja, as frases verbalizadas pelos alunos durante a aplicação das atividades na aula de natação foram analisadas em cada área de conhecimento abrangida pelo estudo. Para o estabelecimento das categorias, utilizou-se os conhecimentos adquiridos no levantamento bibliográfico, onde cada frase foi analisada e, de acordo com suas características, foi agrupada nas respectivas áreas: linguagem, matemática, ciências naturais e sociais.

Na área “Linguagem”, eixo ou conteúdo “Falar e Escutar”, vemos que as relações entre os conteúdos da natação e os conteúdos de linguagem oral foram estabelecidas, pois durante todas as aulas de natação observadas, tanto na entrada e saída da piscina quanto no desenvolvimento das atividades aquáticas propostas, os alunos utilizaram a linguagem oral nas mais diversas situações.

Como exemplo, é possível analisar algumas frases proferidas pelos alunos durante as aulas observadas: “Professor, quando vai começar? Eu quero entrar logo na piscina!”, “Olha, professor, estou com maiô novo!”, “Professor, eu vou nadar sem boia!”, “Estou conseguindo fazer!”, “Amigo, você desamarra (o roupão) pra mim?”, “Esse (exercício) é fácil, é só fazer assim...!”. Através dessas frases, vemos que os alunos utilizaram a linguagem oral para conversar e questionar o professor e os amigos, para pedir ajuda, para relatar experiências e manifestar opiniões sobre determinados exercícios, entre outras coisas.

Também em relação ao eixo ou conteúdo “Práticas de Leitura e Escrita”, através da frase de um dos alunos “Eu tenho o M, o G e o D (objetos que afundam



em forma de letras!”, é possível ver que, embora não se trabalhou com situações de leitura e escrita propriamente dita, através de uma atividade de pegar objetos no fundo da piscina, o fato de se ter utilizado como materiais objetos em formas de letras e as intervenções que o professor fez (como pedir para os alunos pegarem apenas determinadas letras) colocaram os alunos em situações em que tinham de identificar e discriminar letras, processo fundamental para iniciação da alfabetização.

Levando-se em consideração a área de conhecimento “Matemática”, é possível ver que as habilidades que foram manifestadas na piscina mediante o desenvolvimento das atividades aquáticas ajudam a oportunizar o desenvolvimento das competências nessa área.

Como exemplo, é possível visualizar que, nas atividades em que o professor deu materiais como bolas (de várias cores e tamanhos) para os alunos manipularem, - uma vez que, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, v. 3), utilizar movimentos de apreensão, encaixe e lançamento para ampliar as possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos é um dos objetivos da educação física infantil - os alunos estabeleceram algumas relações que podem ser vistas pelas frases proferidas: *“Eu peguei duas bolas!”*, *“Bolinha rosa!”*, *“Essa é muito pesada!”*. Na primeira frase, o aluno expressou noções de quantidade; já nas demais frases, os alunos classificaram o material dado pelo professor quanto aos atributos de cor e peso.

Também nas atividades de imersão, que, segundo Turchiari (1996), podem ser realizadas no trabalho de adaptação ao meio líquido com atividades de pegar objetos no fundo da piscina, ao distribuir materiais com formas de números, letras e outras, o professor possibilitou que os alunos estabelecessem relações do tipo: *“Eu peguei o número quatro!”*. Através dessa frase proferida por um dos alunos durante a aula, vê-se que ele conseguiu identificar os numerais. É importante ressaltar que, durante algumas atividades, o próprio professor pedia que os alunos pegassem somente formas de números ou somente formas de letras, ou então pedia para os alunos identificassem os números que pegavam, o que possibilitou maiores chances de integração.

Ainda na mesma atividade de imersão, cujo objetivo era pegar objetos no fundo da piscina, foi possível verificar através da frase de um dos alunos *“Eu tenho...um, dois, três!”* que, decorrente dessa atividade na aula de natação, os alunos também conseguiram realizar contagens.

Já nas atividades de saltos, que, de acordo com autores como Machado (1978) e Turchiari (1996), são utilizadas com o objetivo de alcance para o mergulho elementar e visam a entrada na água por meio de saltos em pé com ou sem impulso, parado ou a partir de corridas, a frase proferida por um dos alunos *“Eu fui muito fundo na água!”* mostra que ele conseguiu expressar noções de profundidade e capacidade, decorrente das sensações que teve ao realizar essas atividades.

Na área de “Ciências Naturais”, como exemplo das relações que se estabeleceram nela, pode-se citar algumas frases proferidas por alguns alunos: *“Espera aí, professor, vou jogar meu band-aid no lixo!”*, *“Está fervendo essa água!”*, *“Nossa, a água está quentinha, amigo!”*. Analisando a primeira frase, vemos que o aluno obedeceu às regras de higiene específicas da piscina, atentando para os cuidados com o corpo. Já nas outras duas frases, é possível visualizar que os alunos manifestaram noções de calor, pois classificaram a temperatura da água da piscina.

Através dos exercícios de locomoção, cujo objetivo é a melhora da propulsão, que, segundo autores como Machado (1978), Turchiari (1996) e Andries Junior, Pereira e Wassal (2002), é conteúdo das atividades aquáticas, observou-se através



da frase de um dos alunos *“A água segura a perna!”* que, através desse tipo de exercício (no qual o professor também aplicou de forma lúdica pedindo para os alunos realizarem movimentos parecidos com os de alguns animais ou personagens), os alunos tiveram a sensação de resistência da água durante os deslocamentos.

Já na área de “Ciências Sociais”, os dados coletados mostram que grande parte dos alunos respeitaram o professor e os amigos e obedeceram às regras estabelecidas na aula. Durante as atividades propostas, alguns alunos também manifestaram atitude de liderança em relação aos demais, como mostra algumas frases proferidas durante as aulas: *“Aqui ninguém vai passar... Aqui está fechado (escada)!”, “A gente vai fazer a fila... Faz a fila!”*.

É importante ressaltar a importância das brincadeiras como parte integrante das aulas.

Machado (1978), Wilke (1982) e Andries Junior, Pereira e Wassal (2002) acreditam que a aprendizagem das atividades aquáticas também deve se dar por meio de brincadeiras. Na parte final das aulas, onde o professor deixou que os alunos brincassem livremente com os materiais e brinquedos da piscina, observaram-se diversas situações em que os alunos mostraram integrações entre os conteúdos, como se pode ver pelas seguintes frases: *“Eu molhei um pouquinho você e um pouquinho eu!”*, *“Eu tenho um verde e um amarelo (arco)!”, “Vamos afundar nós três!”*. Na primeira frase, o aluno, ao brincar com um amigo de regador, mostrou noções de quantidade, estabelecendo relações muito/pouco. Já na segunda frase, o aluno, ao brincar com os arcos que o professor espalhou pela piscina no momento final da aula, mostrou noções de grandezas e medidas, classificando os arcos segundo a cor. E, analisando a última frase, é possível ver que três alunos, ao realizarem suas brincadeiras, mostraram noções de profundidade e capacidade (“vamos afundar”), bem como noções de quantidade (“nós três”).

Todas essas relações observadas no ambiente aquático foram possíveis pois foi realizado um trabalho interdisciplinar (por parte da pesquisa), ou seja, buscou-se relacionar os conteúdos da natação com outros conteúdos da educação infantil (Linguagem, Matemática, Ciências Naturais e Sociais) e, assim, estabelecer atividades que pudessem ajudar no desenvolvimento das habilidades de todas as áreas em questão.

6 CONSIDERAÇÕES RELEVANTES

Esse estudo, cujo problema principal foi verificar as possibilidades de integração entre os conteúdos da natação e os conteúdos escolares na educação infantil, mostrou, a partir da análise dos dados, que nas áreas de conhecimento abrangidas pela pesquisa (Linguagem, Matemática, Ciências Naturais e Sociais) foram visualizadas – através da verbalização e das atitudes dos alunos – relações que se podem estabelecer com as atividades aquáticas.

Através das frases proferidas pelos alunos, foi possível verificar que, a partir das vivências no meio aquático, os alunos manifestaram diversos conhecimentos como noções de cor, peso, quantidade, temperatura, resistência, profundidade, letras e números, contagens, respeito, saúde, higiene, entre outros, durante as aulas de natação.



Como observado na pesquisa, a natação apareceu como um meio favorável para os alunos manifestarem os conhecimentos já adquiridos anteriormente em sala de aula. Dessa forma, é possível identificar que, através da riqueza de suas práticas, movimentos e sensações, a natação na pré-escola, mais do que apenas ensinar os gestos do nado culturalmente desenvolvido, pode ser utilizada como meio integrador de outros conhecimentos, já que esse é o período ideal para que a criança se desenvolva em seus diversos aspectos.

Cabe ao professor, em seus planejamentos, organizar atividades pedagógicas e selecionar materiais adequados a fim de que essas relações entre os conteúdos da natação com os demais conteúdos escolares sejam estabelecidas na educação infantil.

Também é importante ressaltar que não é papel da Educação Física (nem do professor de natação) trabalhar outros conteúdos em suas aulas; porém, como salienta Turchiari (1996), cabe à pré-escola preparar as bases fundamentais para a criança ter acesso a diversas noções como leitura, escrita, cálculo e outras, noções que podem ser desenvolvidas em um corpo em movimento, próprio daquele encontrado na criança no transcorrer da dinâmica das atividades aquáticas.

Logo, pode-se entender que, embora o papel específico da Educação Física ou da Natação não seja este, acredita-se que o aprendizado das crianças pode-se dar de forma muito mais rica se as diversas áreas de conhecimento estiverem integradas com o mesmo propósito: não passar conhecimentos alocados em disciplinas, sem nenhuma interligação entre si, mas garantir que a criança aprenda em sua totalidade, expressando-se nas mais diferentes formas de linguagem, pois, como defende Sayão (1999), a criança não é um ser corporal agora e cognitivo depois, a criança é um ser único que demonstra por intermédio de seus movimentos uma totalidade, sendo que fragmentar as formas que podem levá-la à construção de novos conhecimentos é um desrespeito.

Embora não seja possível concluir esse estudo, uma vez que se abrem diversas possibilidades de novos estudos que queiram se aprofundar de forma específica em algumas das áreas contempladas na pesquisa, é possível visualizar que as atividades aquáticas por si só já são bastante enriquecedoras (visto todos os benefícios que sua prática pode trazer); porém, sem passar a ter um caráter funcionalista, também pode vir a ser um meio integrador valioso dos demais conteúdos escolares na educação infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L.R.; MAHONEY, A.A. **Henri Wallon: Psicologia e educação**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ANDRIES JUNIOR, O.; PEREIRA, M.D.; WASSAL, R.C. **Natação Animal: aprendendo a nadar com os animais**. Barueri: Manole, 2002.

ARAÚJO JUNIOR, B. **Natação: saber fazer ou fazer sabendo**. Campinas: Unicamp, 1993.



BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: MEC; 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=556>. Acesso em: 5 abr. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:** conhecimento de mundo. Brasília: MEC; SEF, v. 3, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:** introdução. Brasília: MEC; SEF, v. 1, 1998.

CATTEAU, R.; GARROF, G. **O ensino da natação.** 3. ed. São Paulo: Manole, 1990.

DAMASCENO, L.G. **Natação, Psicomotricidade e Desenvolvimento.** Brasília: Secretaria dos Desportos, 1992.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALLARDO, J.S.P.; MORAES, L.G.G. **Educação Infantil e um pouco de história.** In: GALLARDO, J.S.P. (org.). **Educação física escolar: do berçário ao ensino médio.** Rio de Janeiro, p. 27-63, 2003.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONZÁLEZ, M.M.; PADILLA, M.L. **Conhecimento Social e Desenvolvimento Moral nos anos pré-escolares.** In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. **Desenvolvimento Psicológico e Educação:** Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, p. 165-177, 1995.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos:** uma alternativa curricular para a Educação Infantil. 14. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LE BOULCH, J. **Rumo a uma Ciência do Movimento Humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LEWIN, G. **Natação.** Lisboa: Estampo, 1978.

LOPES, M.G.O. **A influência da natação no equilíbrio e na coordenação motora em crianças de 3 a 6 anos.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro. Orientação de João Santos Pereira, 2004.

LUQUE, A.; VILA, I. **Desenvolvimento da Linguagem.** In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. **Desenvolvimento Psicológico e Educação:** Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1. p. 149-164, 1995.



MACHADO, D.C. **Metodologia da natação**. São Paulo: EPU, 1978.

MARTÍ, E **Inteligência Pré-Operatória**. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1. p. 135-148, 1995.

MORA, J.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Físico e Psicomotor ao longo dos anos pré-escolares**. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, v.1. p. 113-122, 1995.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. In: LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 5. ed. São Paulo: Summus, p. 23-34, 1992.

PEREIRA, L.C. **Um olhar sobre a corporeidade aquática na escola de ensino fundamental**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano. São Paulo. Orientação de Kazuo Watanabe, 2001.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGO, M.J. **Processos Cognitivos Básicos nos anos pré-escolares**. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1. p. 123-134, 1995.

SANTOMÉ, J.T. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAYÃO, D.T. **Educação Física na educação Infantil**: riscos, conflitos e controvérsias. Motrivivência, Florianópolis, v. 11, n. 13, p. 221-238, nov. 1999.

TURCHIARI, A.C. **Pré-escola de Natação**. São Paulo: Ícone, 1996.

WILKE, K. **Natação para principiante**. Lisboa: Casa do livro, 1979.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **Como Trabalhar os conteúdos procedimentais em aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Recebido: 14/05/2009

Aprovado: 19/06/2009